

Comunicação: as armadilhas das definições simplificadoras e/ou iluminadoras

Norval Baitello Júnior



SOBRE O AUTOR >

Doutor em Comunicação pela Freie Universität Berlin (FUB)

Professor titular no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

E-mail: norvalbaitello@pucsp.br

RESUMO > RESUMEN > ABSTRACT >

Resumo: Este artigo é uma transcrição de uma das palestras proferidas na 6ª Aula Magna de Referência Interprogramas do Fórum dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Estado de São Paulo e abertura do Seminário Quinta Essencial, realizado em 2016. O texto discute a questão central do evento, “O que é Comunicação”, a partir das várias definições propostas por diferentes correntes que a tomam como objeto de estudo. Considera que as definições são tão obscurecedoras quanto iluminadoras, que é difícil questionar ou negar alguma delas, porque todas são parciais ou partidárias, eventualmente esclarecem um lado do objeto enquanto escondem os outros. Destaca que toda comunicação começa no corpo e enfatiza que, em perspectiva ecológica, todo ser vivo tem compulsoriamente a tarefa de sobreviver e, para sobreviver, se comunica.

Palavras-chave: Comunicação. Cultura. Corpo. Vínculo. Ambiente.

Resumen: Este artículo es una transcripción de una de las conferencias pronunciadas en la 6ª Clase Magna de Referencia Interprogramas del Foro de los Programas de Postgrado en Comunicación del Estado de São Paulo y apertura del Seminario Quinta Esencial, realizado en 2016. El texto discute la “ la cuestión central del evento, “Lo que es comunicación”, a partir de las diversas definiciones propuestas por diferentes corrientes que la toman como objeto de estudio. Considera que las definiciones son tan oscurecen como iluminadoras, que es difícil cuestionar o negar alguna de ellas, porque todas son parciales o partidarias, eventualmente aclaran un lado del objeto mientras esconden a los demás. Destaca que toda comunicación empieza en el cuerpo y enfatiza que, desde una perspectiva ecológica, todo ser vivo tiene obligatoriamente la tarea de sobrevivir y, para sobrevivir, se comunica.

Palabras clave: Comunicación. Cultura. Cuerpo. Vínculo. Medio

Abstract: This article is a transcript of one of the lectures given at the 6th Master Class of Interprograms Reference of the Forum of Postgraduate Programs in Communication of the State of São Paulo and the opening of the Seminar Essential Fifth, held in 2016. The text discusses the central issue of the event, “What is Communication”, from the various definitions proposed by different currents that take it as object of study. He considers that definitions are as obscuring as they are illuminating, that it is difficult to question or deny any of them, because all are partial or partisan, eventually clarify one side of the object while hiding others. He emphasizes that all communication begins in the body and emphasizes that, in an ecological perspective, every living thing has the task of surviving and, in order to survive, it communicates.

Keywords: Communication. Culture. Body. Bond. Environment.

Comunicação: as armadilhas das definições simplificadoras e/ou iluminadoras

Uma definição é sempre um problema, que nos conduz, na maior parte das vezes, a armadilhas e, por isso, é sempre um desafio. Colecionei ao longo dos anos de contato com colegas e com as teorias algumas definições simplificadoras e ao mesmo tempo iluminadoras de comunicação. Logo no começo do meu próprio estudo entendíamos comunicação como fluxo de informação. Havia uma teoria da informação matemática com fórmulas complexas que eu invariavelmente pulava, por preguiça e rebeldia. Mesmo sem a clareza das razões e implicações, tivemos todos que nos confrontar com esta asséptica definição: comunicação é informação.

Uma definição é sempre um problema, que nos conduz, na maior parte das vezes, a armadilhas e, por isso, é sempre um desafio. Colecionei ao longo dos anos de contato com colegas e com as teorias algumas definições simplificadoras e ao mesmo tempo iluminadoras de comunicação. Logo no começo do meu próprio estudo entendíamos comunicação como fluxo de informação. Havia uma teoria da informação matemática com fórmulas complexas que eu invariavelmente pulava, por preguiça e rebeldia. Mesmo sem a clareza das razões e implicações, tivemos todos que nos confrontar com esta asséptica definição: comunicação é informação.

Uma outra definição, um pouco mais ampla, dizia que comunicação é transmissão de uma mensagem, uma notícia. Não é, portanto uma simples transmissão de informações, mas uma narrativa. Já se ampliava o horizonte compreensivo, pois toda narrativa requer vozes (que procuram ouvidos), requer a criação de canais e uma territorialidade que possibilitem a distribuição das mensagens.

Já um grande mestre das ciências da comunicação, Harry Pross, ao fim de dez anos de seus Seminários do Celeiro (Kornhaus Seminare), nos quais presenciou aguerridos embates entre grandes pensadores como Moles, Koppelev, Flusser e Romano, confessa ter aprendido ali uma grande lição: comunicação é tolerância. Isto, dito assim, por um pensador e profissional das ciências e da comunicação, no frutífero outono de sua carreira, inícios dos anos 90 do século findo, soa hoje profético, pois a intolerância e os fundamentalismos viveriam uma escalada sem precedentes nas décadas que se seguiram. E soava como um triste diagnóstico da incomunicação que crescia na mesma proporção que se expandiam os recursos técnicos de comunicação.

Também naquele fim de século o mundo presenciou atônito grandes e imprevistas reviravoltas como o esfacelamento da União Soviética e a queda do muro de Berlim, uma curta semana depois dos grandes jornais alemães e do mundo repercutirem a frase dos políticos dizendo que “o muro durará mais cem anos”. Perguntamo-nos então se “a imprensa perdeu o pé da história?” Configurava-se aí que nem sempre os sinais que emanam do mundo são corretamente captados e compreendidos pelos participantes de processos de comunicação, dentre eles também seus profissionais. Depreende-se então uma nova definição: comunicação é probabilidade.

Há assim uma longa e errática distância entre o que digo e o que o outro entende, entre os sinais que o mundo nos manda e a maneira como os lemos, uma probabilística a ser considerada cuidadosamente. Em inícios do novo milênio, presenciei em Viena, como professor visitante, uma cena insólita. Meu anfitrião, Professor Thomas Bauer, levou-me à estação ferroviária para embarcar para o país de onde regressaria ao Brasil. Subimos juntos no trem, procurando o assento, quando um desconhecido avisou meu amigo Thomas e, cheio de alegria e entusiasmo, estendeu-lhe os braços pronunciando a plenos pulmões um emocionado “Padre Sérgio!” Thomas não hesitou um só segundo, soltou as malas no chão, recebeu e retribuiu o efusivo abraço, para somente então responder: “Ma io non sono Padre Sérgio!” Desfeito o equívoco da maneira mais cordial e afetuosa, ganhei para a viagem a agradável e divertida companhia de um padre polonês e aprendi mais uma interessante lição: comunicação é surpresa. É a surpresa de um abraço e o abraço de uma surpresa.

Considero Thomas Bauer o exemplo mais bonito e perfeito de um bom comunicador, alguém que se deixa sempre surpreender e que sempre surpreende.

Vamos buscar agora uma rara, porém frutífera reflexão: trata-se de Giordano Bruno e seu opúsculo sobre os vínculos humanos, de 1595, *De uinculi in genere*, (Dos vínculos em geral). Nele o autor discorre sobre as relações e ligações entre pessoas (e coisas), incluindo os vínculos amorosos. O conceito de vínculo é retomado e desdobrado tanto na teoria psicanalítica e seus inúmeros ramos, influenciando também algumas teorias da comunicação. Também na Biologia e sobretudo na Etologia o conceito de vínculo (muitas vezes denominado simplesmente de “amor”) trouxe contribuições para os estudos da filogênese e da ontogênese da comunicação animal e humana. Assim, uma importante e atual definição é simplesmente: comunicação é vínculo.

Não podemos esquecer ainda de uma contribuição genuinamente brasileira para pensar a comunicação. Ela se ancora no pensamento transgressor de Oswald de Andrade e suas leituras e desenvolvimentos posteriores. Dentre eles deve-se incluir até mesmo Vilém Flusser, que declarou Oswald como o maior filósofo brasileiro. Num pequeno artigo publicado na revista *Shalom* nos anos 80, escreve que a relação de alteridade é um processo antropofágico. O artigo se chama “Ama o teu próximo como a ti mesmo”, e lá discute as máximas judaicas de Hillel, o velho, e chega à conclusão de que devoração significa apropriar-se do outro sem perder a si mesmo. Assim, nesta vertente, comunicação é devorar e ser devorado.

Todas essas definições são tão obscurecedoras quanto iluminadoras, e é difícil questionar ou negar alguma delas, porque todas elas são parciais ou partidárias, eventualmente esclarecem um lado do objeto enquanto escondem os outros. Mas talvez seja essa a marca de toda definição. Assim, consciente desta limitação, tentei construir aqui um pequeno mapa de possibilidades de se entender a comunicação ao longo da história dessa ciência. A primeira perspectiva, o primeiro olhar para a comunicação que se constituiu e que contribuiu para a constituição de um saber específico, a da ciência da informação, adveio das ciências da engenharia. De natureza técnica, seu uso tinha intenções declaradamente bélicas. Também os desdobramentos dessa ciência, mesmo em suas faces mais atuais e abrangentes, como a internet e seus filhotes todos, tiveram origem em pesquisas militares. A ciência da comunicação é, portanto, uma ciência que nasce com a tentativa de aperfeiçoar ferramentas para a guerra (ou para as guerras, com direito a “público alvo”, “estratégias”, “conquistas do mercado ou de fatias dele”, etc.). Há metas a atingir, e o outro é visto como objeto de conquista. A informação é a munição desta guerra. Tudo aquilo que não estivesse cabendo dentro da informação e do aparelho seria considerado ruído. Aprendemos com essa teoria da informação? Claro, aprendemos muito, para o bem e para o mal. Foi uma contribuição inestimável, a tentativa de definição exata do que é a informação, do que é o sinal, do que é mensagem, do que é receptor, do que é emissor, do que é canal. Tudo isso nos trouxe uma ferramenta importante, sobretudo a partir do momento em que temos consciência das guerras em que nos meteram em todos os momentos de nossas vidas.

Comunicação: as armadilhas das definições simplificadoras e/ou iluminadoras

Norval Baitello Júnior

Uma segunda perspectiva, mais antiga, foi a própria perspectiva filosófica. Hoje há inúmeros trabalhos que se propõem como filosofia da comunicação; o próprio Flusser se enxergava nessa categoria. Talvez tenha sido o seu grande equívoco se arvorar em filósofo - pelo menos estrategicamente em São Paulo dos anos 60 e 70, propor-se a pensar com o logos enquanto sua grande força estava na capacidade de pensar com imagens. Há hoje uma significativa produção científica em filosofia da comunicação, a começar por uma parte importante das teorias da mídia europeias. E o objeto da comunicação já estava de alguma maneira pensado pelos pré-socráticos. Mas é inegável também que um pensamento por imagens já estava lá no Paleolítico e talvez mesmo antes dele. A filosofia tem o seu aporte de grande peso para a constituição de uma ciência da comunicação, mas talvez necessitemos muito mais para uma adequada compreensão dos processos de comunicação.

A terceira perspectiva é a da ciência social. É inegável que nós somos uma ciência social, mas reduzir a comunicação ao social significa ignorar a subjetividade. Muitas vezes significa ignorar o corpo. Também ela nos trouxe enormes contribuições, na comunicação social, na comunicação política, nas questões, por exemplo, do território e das culturas, são fundamentais suas ferramentas. E isto é muito usado na publicidade como estratégia de comunicação persuasiva e é usado na política como estratégia de comunicação coercitiva, mas ignorar as componentes psíquicas de toda sociabilidade e de toda cultura, bem como os estudos de etologia comparada que nos colocam em um panorama de predisposições e disposições de sociabilidade mais amplas. Também não se podem glosar as interfaces dos processos comunicacionais com os processos artísticos e criativos em geral. E, reforçando o que disse acima, sobre o apagamento do corpo nas ciências da comunicação gostaria de repetir a frase do cientista político Harry Pross: "Toda comunicação começa no corpo e termina no corpo." Fundador da primeira proposta de uma teoria da mídia, Pross tem uma visão de comunicação na qual comungam as duas perspectivas: a do eu e o seu corpo e a do outro e as relações sociais e políticas. Há contribuições fundamentais que vêm desse aporte para a constituição do nosso saber e para que possamos lidar mais sabiamente com os objetos da comunicação. Cada programa ou proposta de investigação em comunicação pode ter uma vocação específica, compreende-se que estamos lidando com objetos complexos, e justamente por isso, por favor, não vamos desqualificar os outros olhares.

A quarta perspectiva é a das ciências da linguagem, que nasceram da linguística em uma época em que ainda se achava que comunicar era falar, que a comunicação era a palavra, e só a palavra. Hoje sabemos que isso é uma redução insuportável. Também falamos com as nossas mãos, com a roupa, com o tom de voz, com o entusiasmo ou falta dele. Aprendemos muito com as ciências da linguagem porque elas nos ensinaram a lidar com um pequeno pedaço da comunicação, ao qual pouco se dava atenção antes da linguística e da semiótica. Mas mesmo dentro das ciências da linguagem há importantes e diversificadas contribuições, desde a semiótica discursiva francesa e os seus desdobramentos, a análise do discurso, a semiótica norte-americana mais filosófica e lógica, a semiótica da cultura dos russos, além das abordagens mais antropológicas e culturalistas, de

Comunicação: as armadilhas das definições simplificadoras e/ou iluminadoras

Norval Baitello Júnior

diferentes extrações. Desde que não se tornem vítimas fáceis do fetiche do produto e de uma visão reducionista de linguagem, também as ciências da linguagem poderão oferecer sua contribuição para as ciências da comunicação.

A quinta perspectiva é a das ciências da vida, que começa com Jakob von Uexküll um biólogo do início do século XX que propõe e desenvolve uma teoria do chamado Umwelt, que, em alemão, significa simplesmente ambiente. Isso abarcaria tanto a comunicação humana quanto a comunicação animal, social - ele escreve, por exemplo, artigos sobre a maneira como uma mosca vê o mundo e como este mundo para ela é algo diferente. Uexküll abre uma tradição que depois se desenvolve com Lorenz na etologia dentro de uma perspectiva mais estritamente darwiniana e que vai estudar a partir de uma experiência pessoal curiosa, o convívio com os patos que invadiam os bosques de Viena no verão. Ao verem Lorenz balançar os braços, os patinhos órfãos tomaram os braços por asas e passaram a segui-lo.

A etologia traz uma contribuição imensa, não só com Lorenz, mas também com Frans de Waal, um etólogo holandês e norte-americano que estuda as formas de pacificação de conflito entre diferentes espécies, como a pacificação de conflitos entre bonobos, a pacificação de conflitos entre macacos-rhesus, entre chimpanzés e entre humanos. E percebe que as suas formas de comunicação são profundamente distintas umas das outras. Também temos as contribuições de Alexander Luria, de Oliver Sacks, de António Damásio e de tantos outros neurologistas que descobriram que nossas capacidades e habilidades de inserção no mundo também são objeto da ciência médica.

Existe também a perspectiva artístico-criativa, escolhida pelas escolas de mídia da Alemanha em meados do século XX, que começaram a não mais fazer escola de comunicação ou ciência da comunicação, mas fazer escolas de artes da mídia, em alemão Medienkunst. Essas escolas se proliferaram e incentivavam o fazer criativo mediático artístico, sem separar as duas coisas, e com isso modificaram muito o cenário mediático alemão em sua qualidade. Essas escolas como compensação ao pragmatismo da produção criaram uma disciplina chamada Teoria da Mídia, uma disciplina de forte cunho teórico reflexivo para estudar a natureza e os impactos da era mediática

Ainda há uma sexta perspectiva, a das ciências da cultura, tal como foram propostas por Aby Warburg, um visionário judeu-alemão do final do século XIX que teve sua formação em arqueologia e história da arte, surgiram a partir do estudo da imagem, retirando-a do âmbito exclusivamente artístico e colocando-a dentro de uma moldura histórica muito mais ampla, para estudar sua migração no tempo e no espaço e seu impacto sobre a cultura humana. Definindo a imagem como uma fórmula de pathos (que em grego significa emoção, tanto positiva quanto negativa) e criando com isso uma "ciência sem nome". Hoje, depois de esquecido por muitas décadas, o pensamento de Warburg é redescoberto pela comunidade científica e pelos comunicólogos, abrindo portas para uma visão ambiental da comunicação imagética. Se unimos o vigor do pensamento warburguiano com as descobertas recentes das ciências da vida, de que as imagens não são apenas visuais, mas também existem acústicas, olfativas, gustativas, táteis e, mais do que isso, existem também imagens

Comunicação: as armadilhas das definições simplificadoras e/ou iluminadoras

Norval Baitello Júnior

proprioceptivas, descortina-se um novo desafio para as ciências da comunicação.

A sétima perspectiva é a histórico antropológica, com as contribuições de Dietmar Kamper, um sociólogo que durante muitas décadas estudou o tema do corpo, fez uma sociologia do corpo e que nos últimos dez anos de sua vida descobre que o corpo hoje se contamina com o midiático. E qual é o midiático hegemônico? É o midiático visual, imagético. Logo, as contaminações entre corpo e imagem devem ser hoje vistas como uma patologia da cultura, cujos efeitos se anunciam já hoje na maneira insana de vida do homem chamado civilizado.

Por último, apesar de que talvez houvesse muitas mais, temos a perspectiva ecológica. É impossível hoje falarmos em comunicação sem pensarmos no ambiente comunicacional e isto se aproxima daquela definição da devoração. Quando nos aproximamos de outro ser vivo, entramos na sua esfera de existência e ele entra na nossa esfera de existência, havendo aí uma simbiose plurisensorial. Tudo faz parte deste ambiente e esta visão de ambiente que hoje também contamina até mesmo a perspectiva técnica - fala-se do ambiente digital, fala-se do ambiente da internet, fala-se do ambiente da cibercultura - é efetivamente mais ampla, é o ambiente da vida. Dentro dessa perspectiva, deveríamos dizer: comunicação é vida! Todo ser vivo tem compulsoriamente a tarefa de sobreviver e, para sobreviver, se comunica.

REFERÊNCIAS>>

BAITELLO JR., Norval. O animal que parou os relógios. Ensaios sobre comunicação, cultura e mídia. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. Flussers Völlerei. Köln: Walther König, 2007.

_____. A serpente, a maçã e o holograma. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. O pensamento sentado. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

_____. A era a iconofagia. Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BRUNO, Giordano. De vinculis in genere. Mexico: Editorial Pax, 2008.

FLUSSER, Vilém. Ame teu outro como a ti próprio. Shalom, agosto, p.68-69, 1982.

_____. Medienkultur. Frankfurt/Main: Fischer, 1998.

_____. Comunicologia. Reflexões sobre o futuro. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KAMPER, Dietmar. Mudança de Horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas.... Trad. Danielle Naves de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2016.

PROSS, Harry. Medienforschung. Darmstadt: Carl Habel, 1971.

PROSS, Harry; BETH, Hanno. Introducción a La Ciencia de la Comunicación. Barcelona: Gustavo Gili, 1080.

ROMANO, Vicente. Ecología de la Comunicación. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

WALL, Frans de. A era da empatia. Lições da natureza para uma sociedade mais gentil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WARBURG, Aby. El ritual de la serpiente. México: Editorial Sexto Piso, 2004.

WATSUJI, Tetsuro. Antropología del paisaje. Climas, culturas y religiones. Salamanca: Sígueme, 2006.